

## **Trump, o populismo de direita e o "*white trash*": um neoliberal pra chamar de seu**

Tatiana Poggi<sup>1</sup>

**Resumo:** A comunicação pretende recuperar alguns elementos teóricos do conceito de populismo em seu sentido mais *lato* e corrente, em especial o de direita, para discutir as formas usuais de definir a política de Donald Trump e outras lideranças do espectro conservador contemporâneo. A partir da apresentação e de um breve debate sobre a validade e a utilidade de um conceito explicativo de situações políticas e históricas tão distintas, buscaremos apresentar uma definição teórica para a política de Trump nos contornos do conceito de neoliberalismo. Nesse sentido, o empresário e showman, recentemente eleito presidente dos EUA, apesar de se apresentar como defensor carismático dos brancos pobres, popularmente conhecidos como *white trash*, representa de fato um projeto neoliberal altamente excludente, violento e racista.

**Palavras-chave:** Trump, neoliberalismo, conservadorismo

### **Trump, right-wing populism and the white trash: a neoliberal to call mine**

**Abstract:** This presentation intends to initiate by resuming some conceptual elements of populism, specially right wing populism, to discuss the usual forms of defining the politics of Donald Trump and other leaders on the contemporary conservative political spectrum. Presenting a brief argument on the validity of such a wide conceptualisation used to explain a large universe of political and historical situations, we finally hold that neoliberalism would be a more appropriate political definition for Trump. Though proffering himself a charismatic defender of working class whites - commonly known as the "white trash" - business and showman Trump, recently elected president of the USA, in fact promotes and boosts a neoliberal project, highly excludent, violent and racist.

**Keywords:** Trump, neoliberalism, conservatism

---

<sup>1</sup> Professora de História Contemporânea UFF. Membro integrante do Niep-Marx - Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre Marx e o Marxismo - e do Polis - Laboratório de História Econômico-social.

## **Introdução**

Ao longo de 2016 assistimos perplexos à vitória de Donald Trump, o empresário bilionário e showman, nas primárias do Partido Republicano e finalmente à presidência dos EUA. Desde o lançamento de sua candidatura, Trump vem causando alvoroço na corrida eleitoral norte-americana e, mais recentemente no cenário político configurado após sua posse, por sua excentricidade e desprezo ao politicamente correto, verbalizando energicamente e sem pudor a defesa de políticas excludentes e discriminatórias. Mais do que seus projetos, agenda política e promessas de governo, o que chama a atenção e funciona como forte veículo de atração popular tem sido a veia caricatural do novo presidente, expressa através de um discurso agressivo, debochado, espontâneo e libertino. Trump faz um uso acintoso e irrestrito da violência simbólica, o que parece a muitos como “aceitável” ou mesmo prova de “honestidade”, em virtude desse se colocar como um elemento “novo” na cena política, não tocado pela corrupção do sistema e pelas coligações de lobbistas.

Porém, essa polêmica figura e suas assertivas nada têm de cômico ou bufão. Em meio ao processo, Trump ofuscou candidatos tradicionais do Partido Republicano, com longa bagagem política e capital cultural, como Jeb Bush. Conquistou ainda uma larga e heterogênea base, composta por: amplas parcelas dos setores médios amedrontados com a perspectiva ou a já concretizada realidade da proletarização; um conjunto geracional de brancos de meia idade, que viu o sonho americano se transformar em pesadelo, uma geração dotada de horizontes e que viu cair por terra seus sonhos, ou melhor o sonho para seus filhos; uma substancial e silenciosa parcela da classe trabalhadora branca, ressentida e insegura com a perda gradativa de status e privilégios; e como não poderia deixar de faltar, setores do empresariado como bancos, indústria de energia, construtoras e provedores serviços sociais variados (educação, saúde, prisão, correio). Eles lhe garantiram a eleição. Mas têm em mente interesses e expectativas muito diferentes.

Esse texto procurará delimitar o caráter político-ideológico do projeto de sociedade promovido por Trump, ou seja, explicitar sua agenda política e os grupos sociais que tal projeto efetivamente representa e fortalece. Porém, é imprescindível entender o significado político da escolha de figura tão violenta e controversa como representante nacional primo com apoio de diversos extratos da classe trabalhadora. Isso em si já coloca uma série de indagações acerca da democracia contemporânea e da noção de liberdade e direitos que vêm sendo construída no imaginário nacional. Nos debruçaremos, então, em torno dessas questões buscando lançar luz sobre esse desconcertante acontecimento que é Donald Trump.

### **O loser da modernidade: trabalhadores brancos e o populismo de direita**

A surpreendente ascensão de Trump durante a campanha das primárias trouxe a tona e deu alento a antigos ressentimentos, medos e inseguranças de uma parcela expressiva da classe trabalhadora branca norte-americana, popularmente conhecido pelo codinome derogatório de “*white trash*” ou lixo branco. Esse peculiar conjunto de brancos pobres, com baixo nível educacional e especialmente concentrados nas zonas rurais do Sul e do meio Oeste sofreu historicamente dois grandes “golpes” que alteraram sensivelmente seu *status* social: a abolição da escravidão e o fim do regime segregacionista do *Jim Crow*. Tais mudanças em direção a uma maior inclusão social, respeito à diversidade e em defesa do multiculturalismo tocaram profundamente o ego e a auto-estima dessa parcela empobrecida e desvalorizada da classe trabalhadora norte-americana, retirando-lhe a base de uma suposta superioridade e privilégios que a diferenciavam do “outros”, imprimindo à raça um papel importante na construção da identidade nacional e local. O ataque a sua condição privilegiada e o enfraquecimento no imaginário social de símbolos de distinção dessa natureza fez com esse setor social reagisse de forma agressiva, muitas vezes defendendo políticas que vêm de encontro ao seu próprio interesse sócio-econômico, ou seja, de classe.

O surgimento de grupos como a *Ku Klux Klan* logo após o dismantelamento da sociedade escravista e a construção gradativa nos estados do sul do regime *Jim Crow*, baseado no princípio do “iguais, mas separados”, constituem expressões de revolta e inconformismo, quimeras de um mundo antigo, a força da tradição que insiste teimosa em povoar e reconfigurar o presente. A defesa da supremacia branca na forma de organizações civis e do regime segregacionista cumprem uma função social e política imprescindível no sentido de amansar as paixões do “*white trash*”, direcionando uma possível revolta social para a questão racial, reforçando assim a ideia de que o problema estaria na inclusão e ascensão social do negro, e não no fato peculiar e escancarado dos “*white trash*” serem caracterizados como lixo.

Outro setor social digno de menção e que se juntará ao lixo branco em apoio a Trump, é uma parcela da pequena burguesia branca que em diversos momentos de expansão e desenvolvimento do capital viu-se esmagada pelo processo tendencial de concentração e centralização do capital. Esse setor, composto socialmente pelo *farmer*, pelo pequeno produtor e pequeno comerciante vem experimentando com o desenvolvimento do capitalismo liberal um gradual processo de exclusão e desposseção, alimentando resistências e revoltas. Em “Capitalismo monopolista”, Sweezy e Baran<sup>2</sup> trabalham essa questão historicamente ao

---

<sup>2</sup> SWEEZY, Paul; BARAN, Paul. Capitalismo Monopolista. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

falar do crescimento dos monopólios nos EUA a partir do final da Guerra de Secessão com a expansão das ferrovias em direção ao oeste. O processo de formação do território nacional envolveu primeiramente uma empreitada militar contra os povos nativos, bem como espanhóis, franceses e ingleses ainda antes da guerra e, findado o conflito civil, esse largo espaço ofereceu incríveis oportunidades para investimento de capital e crescimento econômico tanto no campo como nos novos centros urbanos. Recuperando dados de Kuznets e Steindl, os autores afirmam que as taxas de acumulação de capital permaneceram altas até a década 1890, verificando-se de fato um ponto crítico no tocante à diminuição dos investimentos com a recessão instalada a partir de 1907. A Primeira Guerra Mundial teria dado um relativo fôlego à economia, postergando a crise que finalmente se desencadearia em 1929.<sup>3</sup> A consequência desse processo de expansão e recessão foi o esmagamento gradativo do pequeno produtor e comerciante urbano, simbolicamente engolido pelos trustes, e do *farmer*, simbolicamente expulso pelo trator.

Politicamente, esses sujeitos sociais organizaram sua revolta de diversas formas. Houve protestos, crescimento do engajamento na luta sindical e no Partido Socialista, e claro a organização do movimento populista, com a fundação do *People's Party* ou Partido Populista em 1891. O movimento Populista surgiu do descontentamento, articulação e mobilização política do pequeno produtor rural do Sul, das Grandes Planícies e do Oeste, o *farmer*, contra o caráter elitista e predatório do grande capital, representado pelos banqueiros, donos de ferrovias e grandes produtores rurais. Em algumas regiões essa base agrária original se alargou, integrando também o pequeno homem urbano, mobilizados em torno de uma agenda intervencionista de reformas no sentido de garantir subsídios ao pequeno produtor, sustentando a competitividade frente aos grandes monopólios, controlar a especulação e frear a política de juros e hipotecas exorbitantes, que estavam levando à falência o *yeoman*.

O caráter político do populismo e sua definição dentro do espectro político foi tema de intensos debates entre historiadores e sociólogos desde o surgimento do movimento e do Partido Populista em fins do século XIX.<sup>4</sup> Frank McVey produziu em 1896 a primeira análise acadêmica sobre o fenômeno, entendendo que este consistia em uma resposta lúdica, de caráter socialista ou coletivista a problemas derivados da industrialização.

---

<sup>3</sup> Idem.p.224-228. Os livros de Simon Kuznets e Josef Steindl mencionados são: KUZNETS, S. National Product since 1869. New York: National Bureau of Economic Research, 1941. STEINDL, J. Maturity and Stagnation in American capitalism. Oxford: Blackwell, 1952.

<sup>4</sup> MILLER, Worth. A Centennial Historiography of American Populism. Kansas History: A Journal of the Central Plains. 16, no. 1 (Spring 1993): pp. 54-69.

O rechaço ao populismo foi logo abandonado, tendo a geração progressivista interpretado o movimento como integrante da tradição de dissenso e contestação norte-americana. Pioneiro no campo da defesa de política social garantida pelo Estado, o populismo seria, assim, um precursor do próprio Progressivismo. Frederick Jackson Turner entendeu o populismo como reação ao “fechamento” da fronteira nacional, processo que durante tantas décadas alargou não apenas o território nacional, mas fundamentalmente o horizonte de oportunidades e possibilidade de se alcançar o paradigma de igualdade. A marcha para o Oeste promoveu oportunidades e alimentou esperanças para os despossuídos do Leste e a fronteira nos EUA, na ótica de Turner, teria um papel central na construção de um imaginário de país democrático e inclusivo. Vernon Louis Parrington, escrevendo na década de 1920, igualmente estabelecerá esta relação entre democracia populismo e progressivismo. O populismo seria, além de precursor do Progressivismo, herdeiro de movimentos reformistas passados, resgatando notadamente princípios de igualdade, advogados pela democracia Jeffersoniana. Com sua revolta, procuravam encontrar uma resposta democrática ao nível de exploração da Era de ouro do capitalismo, reportando-se aos princípios aludidos na Declaração de Independência, à ideia dos EUA como terra das oportunidades, garantidas através da preservação de um ambiente de livre à competição entre trabalhadores e empreendedores dedicados ao trabalho. De modo geral, o que os progressivistas acentuavam no populismo era luta pelo direito de poder torna-se um *self made man*. A pesquisa de C Vann Woodward talvez destoasse um pouco nesse aspecto, uma vez que seu estudo sobre o deputado Tom Watson centra-se mais na relação entre a questão racial e social, demonstrada através dos esforços do grupo populista da Georgia em tentar forjar uma aliança política entre brancos e negros a partir de interesses econômico-sociais.<sup>5</sup>

Na segunda metade do século XX, podemos ainda mencionar a contribuição de autores precursores ou alinhados com a *New Left Review*, que não contestando a origem agrária do populismo, acentuaram a relação com os setores trabalhadores urbanos e problematizaram a nostalgia rural. Sua origem agrária não faria o movimento mecanicamente avesso ao urbano e à indústria. A crítica debruçava-se contra o comportamento abusivo das grandes corporações, impingindo uma concorrência desleal contra qual tanto o pequeno produtor urbano e rural ficavam submetidos. Ainda que atendo-se a pautas reformistas, rejeitando o socialismo, Norman Pollack percebe radicalidade em sua avaliação da formação

---

<sup>5</sup> TURNER, Frederick Jackson. The Problem of the West. Atlantic Monthly. September, 1896.  
PARRINGTON, Vernon Louis. Main Currents in American Thought: The Beginning of Critical Realism in America: 1860-1920. New York: Harcourt, Brace, and World, 1930.  
WOODWARD, C Vann. Tom Watson: Agrarian Rebel. New York: Macmillan and Co., 1938.

dos monopólios nos EUA e um contorno classista em sua crítica aos impactos sociais da industrialização e do desenvolvimento do capital que deprimiam a qualidade de vida do homem comum. Donna Barnes via o populismo como uma ideologia que se contrapunha à ortodoxia capitalista dominante, alimentando a consciência de classe, que ensejou a revolta popular agrária. Já o historiador Lawrence Goodwin em denso trabalho de investigação empírica interpretou o populismo como um movimento de massa, surgido da falência do experimento cooperativista, defendido pela *Southern Farmers Alliance*. A falência da experiência levou à opção pela ação política no sentido de obter apoio institucional à demanda por subsídios agrícolas. A mobilização em torno da agenda dos subsídios fomentou sim um sentimento de nostalgia rural, mas também estimulou a participação democrática e a crítica ao capitalismo selvagem em contraposição à comunidade cooperativa.<sup>6</sup>

A crítica à interpretação do populismo com ideologia e movimento social alinhado com a defesa, ainda que reformista, dos interesses de grupos subalternos e portanto uma corrente política pertencente ao campo da esquerda, veio com a contribuição do historiador liberal Richard Hofstadter. Em seu clássico *Age of Reform*, os populistas são retratados como um grupo de pequenos proprietários inseguros e descontentes com o processo de declínio social, derivado da consolidação de uma América moderna e industrial. Apresentariam-se, nesse sentido, como elementos provincianos e nostálgicos, avessos ao intelectualismo, conspiracionistas e nativistas, com tendência à formação de bodes expiatórios. Aqui, pela primeira vez, temos uma tônica conservadora atribuída ao populismo, de onde derivará a possibilidade de caracterização de movimentos nacionalistas reacionários de base popular como populismo de direita.

Essa definição mais alargada ganha finalmente um tratamento conceitual formal nos anos 1980 e 1990 a partir dos trabalhos de Margaret Canovan e Michael Kazin. A primeira seria considerada como autora de um dos poucos estudos profundos sobre a temática, mapeando as diversas expressões de populismo, qualificando como tal desde os movimentos agraristas do século XIX (People's Party norte-americano, os narodniki russos e os movimentos camponeses europeus do entreguerras), as experiências latino-americanas dos anos 1930 e 1940, grupos supremacistas brancos contrários à conquista dos direitos civis, à lideranças carismáticas em geral com propostas apelativas. O que uniria todos esses

---

<sup>6</sup> POLLACK, Norman. *The Populist Response to Industrial America*. New York: W. W. Norton, 1962.

BARNES, Donna. *Farmers in Rebellion: The Rise and Fall of the Southern Farmers Alliance and People's Party in Texas*. Austin: University of Texas Press, 1984.

GOODWYN, Lawrence. *Democratic Promise: The Populist Moment in America*. New York: Oxford University Press, 1976.

movimentos, segundo Canovan, é que todos “envolvem algum tipo de exaltação do ou apelo ao “povo” e todos são em alguma medida anti-elitistas.”<sup>7</sup> Kazin traz um conceito igualmente largo de populismo, definindo como uma retórica política marcada pelo discurso esperançoso, eloquente, rebelde e romantizado, visando melhorar o bem-estar dos homens comuns. O populismo teria raízes profundas no movimento agrarista do século XIX, mas de modo algum estaria restrito a esse contexto histórico, passando por transformações e conformando uma tradição política e ideologicamente plural, expressa por todo espectro político, da direita à esquerda. Nos EUA, essa inflexão à direita teve início na década de 1940, quando grupos conservadores como a direita cristã e figuras políticas proeminentes como George Wallace, Nixon e Reagan alteraram o sentido político na direção do conservadorismo. Teríamos, então, um populismo de direita, que seria em grande medida impulsionado pelo descontentamento coletivo com relação a uma situação de opressão, mas, ao invés de ser canalizado na direção de mudanças sociais que revertam esse quadro, se concentra na revolta contra grupos sociais minoritários, transformados em os “bodes-espiatórios” [scapegoats] e responsabilizados pela condição de infortúnio da maioria.<sup>8</sup>

Daí em diante observou-se toda uma tendência ao uso do populismo para definir quaisquer movimentos conservadores radicais, sendo amplamente usado como sinônimo de extrema-direita, sem maior cuidado ou reflexão sobre caráter ideológico, as bases teórico-filosóficas e o horizonte político almejado que fundamentam um dado projeto de sociedade. O conceito é alargado de tal forma, que perde seu conteúdo político-filosófico, bem como seu caráter histórico. Deshistoricizado e arrancado de seus contornos políticos específicos fica difícil inclusive encontrar movimento social, partido ou personalidade que não se encaixe na categoria de populismo. A pobreza teórica do conceito de populismo, utilizado em sentido alargado, fica explícita pela ausência de uma discussão dos fundamentos ideológicos e filosóficos, bem como da noção de economia-política que conforma o projeto político-social almejado, notadamente as relações de poder que propiciam as condições de reprodução de uma determinada ordem social. Tal conceito encobre e mascara aspectos cruciais e reveladores do projeto social que está sendo defendido.

#### Democratas e o empresariado conservador: compromisso para a governabilidade

---

<sup>7</sup> CANOVAN, Margaret. Populism. Houghton Mifflin Harcourt, 1981.p.294. apud. BERLET, C.; LYONS, M. Right-wing populism in America: too close for comfort. New York: Guilford Press, 2000. p.4. “...involve some kind of exaltation of and appeal to “the people”, and all are in one sense or another antielitist.”

<sup>8</sup> KAZIN, Michael. The populist persuasion: an American history. Ithaca: Cornell univ press, 1995.

Como vimos acima, essa noção de populismo de direita teve em Richard Hofstadter um de seus defensores pioneiros. Todavia, é importante ressaltar que o fundamento explicativo e impulsionador que propiciou essa interpretação e instrumentalização conceitual vinha sendo construído no campo do pensamento liberal já há algum tempo. Em 1955, Daniel Bell organizou a coletânea intitulada “*The New American Right*”, na qual um conjunto de intelectuais do calibre de Seymour Martin Lipset, Talcott Parsons, David Reisman, Richard Hofstadter, Nathaniel Glazer e o próprio Bell defendiam a ideia do conservadorismo como política da frustração, derivada da perda de privilégios, status e símbolos de distinção. Tal perda não decorreria exatamente de uma reação à crise social que se ensejou a partir dos anos 1970 ou às conquistas políticas, civis e identitárias, angariadas pelos movimentos sociais ao longo do século XX. O crescimento do conservadorismo seria explicado em virtude da prosperidade, da política externa expansionista e do cosmopolitismo, experimentados pelos EUA no pós-2GM.

Esta hipótese, à primeira vista contraditória e estranha, foi elaborada com base na ideia de que depressões geram protestos, enquanto cenários de prosperidade, justamente, maior inclusão, geração de riqueza e distribuição de renda. Quando essa inclusão é feita em proveito de grupos minoritários ou entendidos como estrangeiros, fazendo-os ascender socialmente, isso geraria ressentimentos, descontentamentos e a sensação de deslocamento social e perda de status/privilégio por parte dos setores majoritários. Assim, conforme a lógica argumentativa defendida pelos autores, o sucesso da direita em fins do século XX seria devido não somente ao avanço de políticas da esquerda, mas fundamentalmente ao cenário de prosperidade e acumulação, que em propiciou e sustentou esses avanços em primeiro lugar. O conservadorismo era basicamente entendido como reação, expressão dos ressentimentos do *loser* da modernidade, política da frustração.<sup>9</sup>

Ainda que assumamos que o vetor reação à frustração não deva ser desprezado, essa abordagem é profundamente conservadora e cruel, pois entende que a raiz do problema reside na ampliação da democracia e na redistribuição de riqueza em favor de setores desfavorecidos. E logicamente, uma vez identificada a raiz do problema, deve-se fazer todo possível para se evitar incorrer no problema novamente. A reação cumpriu sim um papel relevante, mas não se manifestou necessariamente em todos os espaços do conservadorismo, muito menos resultou diretamente da prosperidade, mas da opção em direcionar uma parte dos recursos acumulados para inclusão de setores minoritários. Além disso, ela acaba por

---

<sup>9</sup> BELL, Daniel. *The New American Right*. New York: Doubleday, 1963.

reafirmar o consenso liberal de crença na tendência do sistema político norte-americana a uma democracia liberal relativamente estável, sem expressões significativas de extremismos, estes, quando muito, vistos como efeitos marginais, uma disfunção ante regra.

Como brilhantemente salientou Alan Wolfe no artigo “*Sociology, liberalism and the radical right*”, a modernidade e as políticas do Partido Democrata durante o pós-guerra alimentaram muitos setores do empresariado conservador, notadamente as indústrias de alta tecnologia e petroquímicas do *Sunbelt*; o setor militar; o agronegócio e as grandes transportadoras internacionais; empreiteiras e construção civil; a indústria do entretenimento, do *fast food*, do esporte e da bebida; setor financeiro e de serviços. Esses empresários cresceram vertiginosamente durante a Guerra Fria, estimulados pelos Democratas, graças a sua política de expansão econômica e imperialista. Eles não tinham nada de “loser”, se fortaleceram no seio do reformismo democrata e foram construindo a reação por dentro.<sup>10</sup>

Inflação, desemprego e crise alimentaram o conservadorismo, assim como a reação à políticas inclusivas também gerou ressentimentos e frustrações, porém o que se nota é que um determinado setor do conservadorismo, que posteriormente se tornaria protagonista do neoliberalismo, nunca deixou de atuar, integrando o reformismo Democrata e pressionando em favor de seus interesses. Uma análise do impacto da perda de *status* apartada da reflexão de classe deixa de problematizar o fato de que as forças contra as quais muitas manifestações de conservadorismo mais radical se insurgem são, de fato, desencadeadas pelo capital, ou seja, por parte setores conservadores. Assim, a mobilidade social ascendente de minorias, dispersão geográfica, inflação, a entrada em massa de mulheres no mercado de trabalho, a relativa homogeneização cultural, secularismo e cosmopolitismo, o aumento do crime, da alienação e do tráfico de drogas são em boa medida frutos da expansão do capital, como efeitos derivativos ou como fontes de acumulação propriamente ditas.

O compromisso Democrata garantiu a preponderância sobre o executivo, sustentou o paradigma intervencionista e um conjunto de direitos trabalhistas e seguridade social graças ao crescimento, mas também às custas de um verdadeiro antagonismo contra o conservadorismo. A pactuação com alas do conservadorismo, notadamente o empresariado, e a aceitação silenciosa à sobrevivência dos Dixiecrats, aliados à opção pela busca do crescimento *per se* em detrimento de uma política mais agressiva de ampliação e aprofundamento de direitos sociais, corroeram o reformismo.

---

<sup>10</sup> WOLFE, Alan. *Sociology, liberalism and the radical right*. *New Left Review*, 1981.

O acordo estabelecido com o empresariado exigia condições facilitadas para expansão dos investimentos e abertura de novos mercados, especialmente na esfera social, onde o reformismo poderia ter atuado mais incisivamente na garantia de uma inclusão mais sólida na forma de direitos. A opção por estimular uma cidadania ancorada na inserção no mercado de consumo, fomentando a relação de mercado no setor de saúde, educação, previdência e habitação foi determinante para manter o compromisso Democrata com o empresariado, mas também para sua ruína a longo prazo. A cultura do consumismo, bem como a vitória do paradigma de luta sindical baseado na barganha coletiva, contribuíram para desmobilizar a classe trabalhadora norte-americana, deixando-a desarmada, sem maior capacidade de contra-ataque frente à ofensiva neoliberal.<sup>11</sup> Quando o crescimento -verdadeiro sustentáculo da inserção social pelo consumo- cessou, o conservadorismo capitalizou!

A crise estrutural do capital, profundamente investigada por pesquisadores com as mais diversas trajetórias intelectuais, manifestou-se muito além da mera incorrência da queda da taxa de lucro, apresentando-se como um processo orgânico de crise de um padrão de dominação e acumulação, de um modo de regulação e controle social determinado.<sup>12</sup> A solução vitoriosa para se tentar contornar a crise foi como sabemos a resposta neoliberal, com sua agenda de austeridade, marcada retomada do equilíbrio orçamentário a partir de cortes públicos em gastos sociais, flexibilização de direitos, precarização e intensificação do trabalho, além de intenso convencimento e valorização do trabalho voluntário e do envolvimento social privado - a responsabilidade social.

### **À beira do dilúvio**

Assim, até os anos 1970 aproximadamente, o Partido Democrata arregimentou parte da revolta potencial através da sobrevivência dos *Dixiecrats*; mais recentemente os Republicanos conquistaram o “lixo branco” em torno de uma agenda neoliberal com toques de fundamentalismo religioso, racismo e xenofobia sutis.

Pouco mais de 30 anos se passaram e sobreviver no mundo neoliberal, globalizado, tem se mostrado um desafio penoso e atroz para a classe trabalhadora. Um largo conjunto de

---

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> MESZÁROS, István. Para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2009.

HARVEY, David. O novo imperialismo. São Paulo: Loyola, 2005.

HOLLOWAY, John; BONEFELD, Werner. Post-Fordism and Social Form: a marxist debate on the post-fordist State. London: Palgrave Macmillan, 1991.

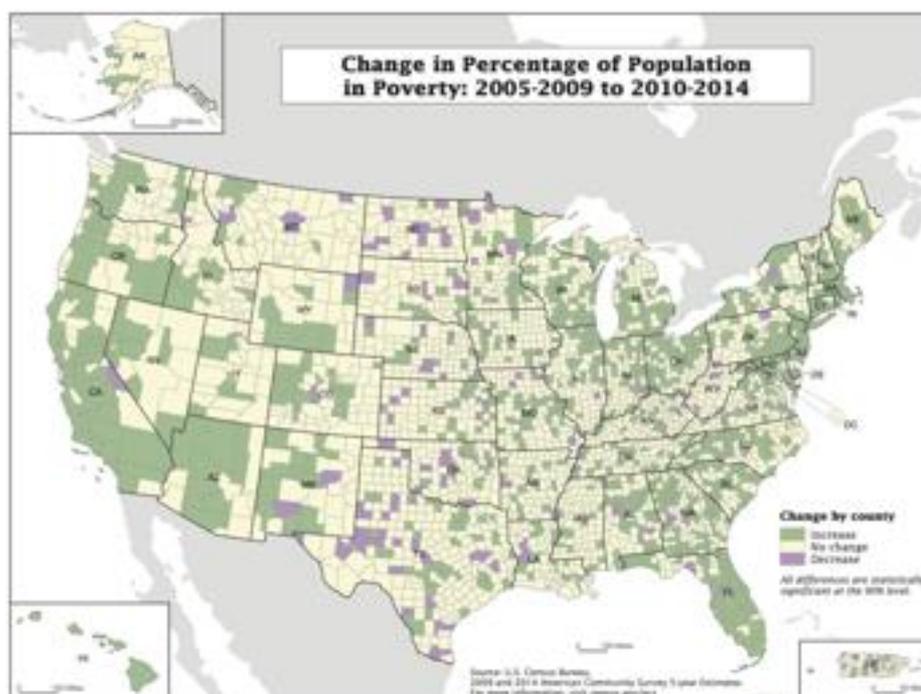
DUMENIL, Gerard; LEVY, Dominique. A crise do neoliberalismo. São Paulo: Boitempo, 2014.

KRUGMAN, Paul. Pendling prosperity: economic sense and nonsense in the age of diminished expectations. New York: W W Norton and Company, 1994.

POSNER, Richard. The crisis of capitalist democracy. Cambridge: Harvard Univ. Press, 2010.

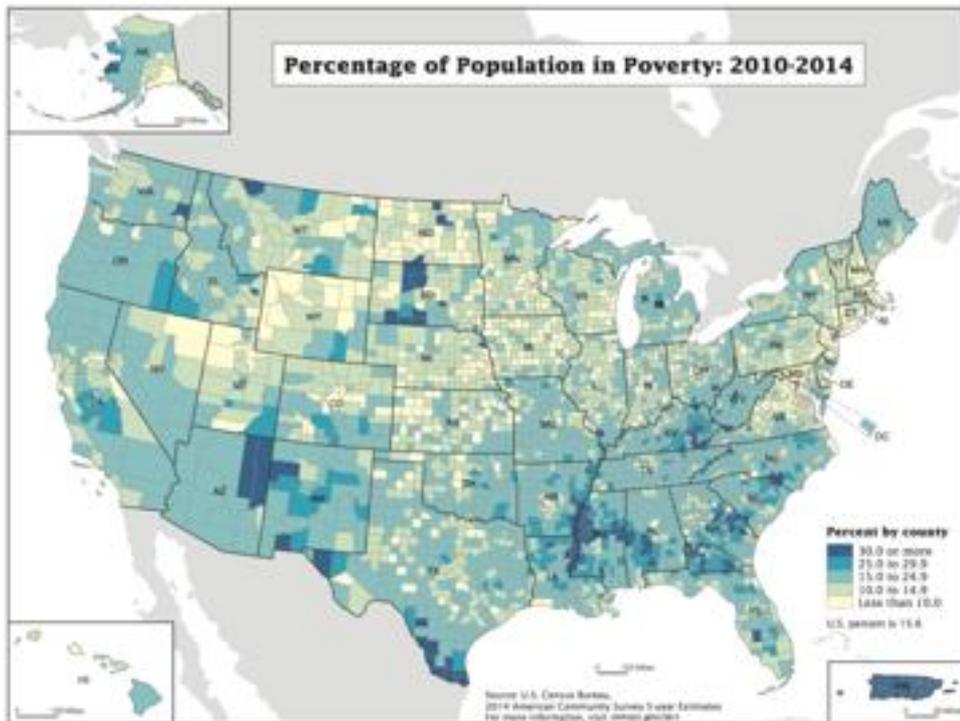
transformações resultantes da crise estrutural do capital e derivadas de políticas de flexibilização do trabalho e austeridade neoliberal comprometeram sensivelmente a qualidade de vida dos trabalhadores, não poupando obviamente o “*white trash*”. Como podemos ver nos dois mapas estatísticos retirados do *US Census Bureau*, o aumento da pobreza é evidente e expressivo no país como um todo, não se limitando às regiões do velho Sul, mas mostrando-se particularmente grave em regiões de alta concentração populacional, décadas antes marcadas pela prosperidade.

O sonho americano resvalou em pesadelo; o sol não brilha mais Califórnia; a *Big Apple* já não parece tão grande. As promessas Republicanas de parceria, de defesa da “verdadeira América” contra os indesejáveis sugadores do *welfare*, imigrantes preguiçosos e abusados, os famosos *aliens* ilegais, e potenciais terroristas desmancharam-se no ar e a vida do “*white trash*” parece afundar no lixo a cada dia mais. Isso vem comprometendo o frágil compromisso e apoio dessa parcela da classe trabalhadora ao Partido Republicano, uma situação cada vez mais difícil de se sustentar, aliviada somente por empreitadas militares espetaculares como as guerras no Oriente Médio e o fortalecimento de novos bodes expiatórios, representados atualmente pelo elemento islâmico.



13

<sup>13</sup> U.S. Census Bureau. 2009 and 2014 American Community Survey 5-year Estimates. [www.census.gov/acs](http://www.census.gov/acs).



14

Como observado em outros momentos da história, decadência e perda de lugar social geram revolta e não nos parece ser coincidência o aumento gradativo de grupos de ódio (coletivos que defendem e promovem abertamente a violência e a intolerância) durante o mesmo período. Esses grupos foram se tornando particularmente atrativos ao *white trash*, mas também a uma parte significativa dos setores médios que ao longo de três décadas foram sendo empurrados à proletarização. Quantitativamente, os simpatizantes de grupos de ódio representam ainda um contingente pouco expressivo. Contudo, como nos mostra o gráfico, o número desses coletivos vem crescendo assustadoramente.

### HATE GROUPS 1999-2015



15

<sup>14</sup> U.S. Census Bureau. 2014 American Community Survey 5-year Estimates. [www.census.gov/acs](http://www.census.gov/acs).

<sup>15</sup> Southern Poverty Law Center. <https://www.splcenter.org/file/11756>

Historicamente, a articulação política do ódio e da intolerância conseguiu conquistar espaços cativos entre fascistas, segregacionistas e neoconfederados, organizados na sociedade civil. Porém, também a sociedade política abrigou o ódio e a intolerância entre os *Dixiecrats* e alas mais conservadoras do Partido Republicano, a exemplo de Barry Goldwater (candidato Democrata nas primárias de 1964), George Wallace (governador democrata do Alabama nos anos 1960 e 1970; candidato a presidente pelo *American Independent Party* 1968) e mais recentemente Patrick Buchanan (candidato Republicano nas primárias de 1992 e 1996). Ainda assim, tais grupos não encontram muita receptividade no âmbito parlamentar; alguns sequer apostam na política partidária e em canais de representatividade institucional como espaços de disputa por julgarem tais arenas demasiadamente corrompidas ou por clara adesão a um princípio antiliberal.

Eis que surge no cenário político essa figura performática, Donald Trump, um empresário sucesso, neto de um autêntico *self-made man* que ascendeu economicamente a partir de um pequeno negócio de restaurante durante a corrida do ouro no Alaska. Trump continuou o legado de ascensão e sucesso, tornando-se dono de um império diversificado e multibilionário, um verdadeiro tubarão da América, além de showman, graças à participação e produção do seriado televisivo *The Apprentice*.

Na política, apoiou e contribuiu para campanha de candidatos de ambos os grandes partidos, foi filiado ao Partido Republicano entre 1987 a 1999; saiu e contribuiu para a fundação de um partido independente - *Reform Party* - até finalmente anunciar sua candidatura a presidência novamente pelos republicanos em 2015. Foi crescendo nas campanhas, impulsionado justamente pelo que muitos julgavam seu “tendão de Aquiles”: a retórica agressiva e ofensiva; o discurso de ódio explícito; e a naturalização e banalização da violência.

Suas propostas de construção de um muro eletrificado na fronteira com o México, rechaço ao Obamacare em prol de planos de saúde populares, revisão de tratados comerciais desfavoráveis ao trabalhador norte-americano (NAFTA e a China), reestruturação das forças armadas e combate ao terrorismo, proibição da entrada de imigrantes vindos do Oriente Médio, não vêm de encontro a agenda neoliberal em sua essência, mas agregam a ela um nacionalismo típico da velha tradição conservadora americana ou do dito populismo de direita. Declarações bombásticas, associando mexicanos a estupradores, traficantes e ladrões de empregos, objetificando e depreciando mulheres e homossexuais, atacando empresários com investimentos off-shore trazem a tona não a velha revolta dos *farmers* e o *US People's Party* do final do XIX contra banqueiros e plutocratas em favor de setores esmagados pela

capital. Resgatam sim o mais recente ressentimento segregacionista representado por Wallace, Goldwater e Buchanan, posto que sua pauta não é em nenhuma medida crítica à forma de desenvolvimento do capital, seus monopólios e exclusões. Ao contrário, o cerne de seus projetos vem justamente no sentido do aguçamento dessas desigualdades e exclusões.

O fenômeno Trump se alimenta do medo, do desespero e do orgulho ferido dos WASP (*white anglo-saxon protestant*). Apresenta-se como defensor dos diretos e interesses do trabalhador branco norte-americano, do homem comum, pai de família, etc. Sua retórica nacionalista e discriminatória vem atraindo desde elementos mais conservadores, como os associados ou simpatizantes de grupos de ódio, até aqueles tradicionalmente engajados em movimentos sindicais e favoráveis à políticas protecionistas.

Pela primeira vez em muito tempo, uma variedade de supremacistas brancos, desde grupos neoconfederados a neofascistas, dizem sentir-se parcialmente representados na arena da política partidária. Conhecidos supremacistas brancos como o ex-político, hoje radialista, David Duke, vem encorajando seus ouvintes a votar em Trump. Uma matéria recente do NY Times traz declarações de outros representantes dessa vertente política. Segundo Richard Spencer, fundador do *National Policy Institute*, um *think-tank* dedicado à defesa “da herança, identidade e futuro dos descendentes de europeus nos Estados Unidos”, Trump “está trazendo a política de identidade para os brancos de volta a esfera pública de uma forma que ninguém fez” “Não acho que ele pense essa questão da forma que eu e algumas pessoas entendem. Acho que ele está reagindo à sensação de que ele perdeu seu país”. Andrew Anglin, editor do site neofascista *The Daily Stormer*, declarou: “Trump está disposto a dizer o que a maioria dos americanos pensa: é hora de deportar essa gente. Ele também não exita em chamá-los de criminosos estupradores, assassinos e traficantes de drogas.” James Taylor e William Johnson, ambos ativistas do *American Freedom Party* foram categóricos: “Não precisamos de muçulmanos. Precisamos de brancos inteligentes e bem instruídos que vão assimilar nossa cultura. Votem em Trump.”<sup>16</sup>

O que notamos é que afora seu claro compromisso com o ataque e à perseguição às minorias, sua plataforma, contudo, tem muito pouco a oferecer ao dito americano médio. Trump rejeita abertamente a saúde pública gratuita e o aumento do salário mínimo. Apenas após sua nomeação oficial como candidato Republicano, declarou-se aberto a alguma discussão sobre o tema. Além de saúde privada e um evidente desconforto com políticas redistributivas, sua agenda social não vai muito além da defesa do direito de portar armas, da

---

<sup>16</sup> For whites ensing decline, Donald Trump unleashes words of resistance. 13/07/2016. [http://www.nytimes.com/2016/07/14/us/politics/donald-trump-white-identity.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2016/07/14/us/politics/donald-trump-white-identity.html?_r=0)

pena de morte e de programas educacionais alternativos à escola pública, como *charter school* e o *homeschooling*. Assim, sua estratégia para questões sociais se resume a transferi-la para o setor privado, transformando saúde, educação, habitação, correios e segurança pública (no caso as prisões) em serviços privados.

No discurso inaugural de Trump no Congresso, podemos ver de que forma ele reafirma seu compromisso e pretende em colocar a América em primeiro lugar. Começamos pelo compromisso com o empresariado e o estímulo ao fomento de novos mercados:

“No momento, as empresas americanas são taxadas aos maiores índices que qualquer lugar no mundo. Minha equipe econômica está desenvolvendo uma reforma tributária histórica que reduzirá as taxas de impostos sobre nossas empresas para que elas consigam competir e prosperar em qualquer lugar e com todos. E será um grande, grande corte.”

“Atualmente quando exportamos produtos americanos, outros países nos fazem pagar altas tarifas e taxas. Mas quando empresas estrangeiras exportam seus produtos para América, nós não cobramos nada, ou quase nada.”

“Nós empreendemos um esforço histórico para reduzir maciçamente as regulações que estrangulavam do trabalho, criando uma força tarefa de desregulamentação dentro de cada agência governamental.”

“E com a ajuda do primeiro ministro Justin Trudeau, formamos um conselho com nossos vizinhos no Canadá para ajudar a garantir que mulheres empreendedoras tenham acesso à redes, mercados e capital necessário para começar um negócio e experimentem seus sonhos financeiros.”<sup>17</sup>

Nesse primeiro conjunto, notamos um esforço no sentido em garantir maiores lucros para o empresariado por meio de estratégias diretas como a redução de impostos, uma política aduaneira protecionista e projetos de incentivo ao empreendedorismo feminino, bem como indiretas através do ataque a direitos trabalhistas. A redução de regulação ou entraves nada mais é que a defesa da flexibilização e precarização do trabalho, beneficiando o empresariado em detrimento das condições de trabalho dos empregados. Mesmo a proposta de inclusão da minoria feminina é desenvolvida através de um viés bastante particular, o do empreendedorismo, pois fundamentalmente é essa a inclusão que se deseja, uma que esteja atrelada ao interesses do mercado e que em boa medida contribua para sua expansão.

Sigamos agora a questão da imigração.

---

<sup>17</sup> Remarks by President Trump in Joint Address to Congress. 28 de fevereiro de 2017.

<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2017/02/28/remarks-president-trump-joint-address-congress>.

Página consultada em 1 de junho de 2017.

“Right now, American companies are taxed at one of the highest rates anywhere in the world. My economic team is developing historic tax reform that will reduce the tax rate on our companies so they can compete and thrive anywhere and with anyone. (Applause.) It will be a big, big cut.”

“Currently, when we ship products out of America, many other countries make us pay very high tariffs and taxes. But when foreign companies ship their products into America, we charge them nothing, or almost nothing.”

“We have undertaken a historic effort to massively reduce job-crushing regulations, creating a deregulation task force inside of every government agency.”

“And with the help of Prime Minister Justin Trudeau, we have formed a council with our neighbors in Canada to help ensure that women entrepreneurs have access to the networks, markets and capital they need to start a business and live out their financial dreams”

“Ao mesmo tempo, minha administração atendeu aos clamores do povo americano para controle da imigração e segurança nas fronteiras. Finalmente aplicando nossas leis de imigração, aumentaremos salários, ajudaremos desempregados, economizaremos bilhões de dólares e tornaremos nossas comunidades seguras para todos.”

“Eu vou trazer de volta milhões de empregos. Proteger nossos trabalhadores também significa reformar nosso sistema legal de imigração. O atual e obsoleto sistema rebaixa os salários de nossos trabalhadores mais pobres e coloca grande pressão sobre nosso contribuinte.”<sup>18</sup>

Como podemos perceber, o que se faz aqui é aliar a discussão de imigração com a questão do emprego e da segurança pública, fortalecendo o bode-espiatório, divisões e tensões dentro da classe trabalhadora. Logicamente, quem ganha com isso não poderia deixar de ser o empresariado e bloco no poder, desviando a atenção de questões cruciais como a superexploração do trabalho imigrante ilegal, a depreciação crescente das condições de trabalho nacionais, a desigualdade de oportunidades entre os grupos sociais locais, oriundas não somente das clivagens classistas, mas também racistas nos EUA.

Esse ponto é explorado de forma formidável nos próximos trechos. Vejamos finalmente a proposta de Trump para a questão social e ética nos EUA, justamente os grupos que mais sofrem com os cortes típicos da austeridade.

“Obrigamos cada americano a ter um seguro-saúde público aprovado pelo governo nunca foi a melhor solução para o nosso país. A forma de tornar o seguro-saúde acessível para todos é diminuir os custos do seguro-saúde, e é isso que faremos.”

“Estou conclamando a membros de ambos os partidos para passar um projeto de lei de educação que subsidie a escolha educacional para jovens carentes, incluindo milhões de afro-americanos e crianças latinas. Essas famílias devem ser livres para escolher entre público, privado, fundações, escolas técnicas, religiosas ou ensino doméstico, que os sirva melhor. Junto a nós, temos hoje na plateia essa moça incrível, Denisha Merriweather. Quando jovem, Denisha sofreu na escola e repetiu o terceiro ano duas vezes. Mas então ela conseguiu se matricular num centro privado de ensino, um ótimo centro de ensino, com ajuda de crédito sobre imposto e uma bolsa de estudos.”

“E devemos apoiar vítimas de crimes. Eu ordenei o Departamento de Segurança Pública a criar um escritório para dedicado a tratar de vítimas americanas. O setor é chamado VOICE - Vítimas do engajamento criminal imigrante -. Estamos proporcionando uma voz àqueles que têm sido ignorados pela nossa mídia e silenciados por interesses particulares. Na plateia hoje, temos quatro corajosos americanos, com os quais o governo falhou. Seus nomes são Jamiel Shaw, Susan Oliver, Jenna Oliver, and Jessica Davis. O filho de Jamiel de 17 anos foi brutalmente assassinado por um membro de uma gangue de imigrantes ilegais, que acabara de ser solto da prisão. (...) Seus maridos [de Jenna Oliver e Jessica Davies] sub-xerife Danny Oliver e detetive Michael Davis foram mortos em serviço na Califórnia. Eles eram os pilares de suas comunidades. Esses bravos homens foram cruelmente abatidos por um imigrante ilegal com histórico criminal e duas deportações anteriores.”<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Remarks by President Trump in Joint Address to Congress. 28 de fevereiro de 2017.

<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2017/02/28/remarks-president-trump-joint-address-congress>.

Página consultada em 1 de junho de 2017.

“At the same time, my administration has answered the pleas of the American people for immigration enforcement and border security. (Applause.) By finally enforcing our immigration laws, we will raise wages, help the unemployed, save billions and billions of dollars, and make our communities safer for everyone.”

“I am going to bring back millions of jobs. Protecting our workers also means reforming our system of legal immigration. (Applause.) The current, outdated system depresses wages for our poorest workers, and puts great pressure on taxpayers.”

<sup>19</sup> Remarks by President Trump in Joint Address to Congress. 28 de fevereiro de 2017.

Os primeiros dois trechos dessa seção explicitam o projeto de privatização da questão social. Saúde e educação deveriam ser assunto de foro privado, não público, desobrigando e desonerando o Estado da responsabilidade em garantir o colchão social na forma de direitos. Esses deveriam torna-se serviços, ou seja, mercantilizar a questão social, o que abre novas e atrativas frentes de mercado ao capital.

Finalmente, temos aqui uma brilhante e tenaz estratégia política e retórica de convencimento popular, primeiramente por atrelar o problema social ao imigrante. Já vimos nos trechos anteriores que isso contribui para fortalecimento de bodes-expiatórios e antagonismos na classe trabalhadora. O trabalhador imigrante é o responsável pela falta de empregos, salários baixos e pela violência; a solução, conseqüentemente seria retirá-lo do conjunto social nacional, deportando-o.

Aliado a isso, nos deparamos com uma estratégia retórica bastante eficiente, qual seja, personalizar o discurso, trazendo constantemente exemplos reais e, no caso do discurso analisado, trazendo as pessoas em si. Esse artifício ajuda a criar laços, dar materialidade às propostas, trazer o público pra perto, como se o povo em si estivesse presente no governo e fosse o alvo real dos projetos de Trump. As pessoas escolhidas a servir de exemplo também não são escolhidas aleatoriamente. Denisha Merriweather é uma moça afro-americana, assim como Jamiel Shaw, indivíduos que representam minorias que ao longo da campanha de Trump se mobilizaram fortemente em oposição ao candidato e seus comentários racistas e derogatórios. Convidar dois afro-americanos e duas esposas de policiais, representantes da clássica classe trabalhadora branca a participar do evento e invoca-los como exemplo,

---

<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2017/02/28/remarks-president-trump-joint-address-congress>.

Página consultada em 1 de junho de 2017.

“Mandating every American to buy government-approved health insurance was never the right solution for our country. (Applause.) The way to make health insurance available to everyone is to lower the cost of health insurance, and that is what we are going do.”

“I am calling upon members of both parties to pass an education bill that funds school choice for disadvantaged youth, including millions of African American and Latino children. These families should be free to choose the public, private, charter, magnet, religious, or home school that is right for them. Joining us tonight in the gallery is a remarkable woman, Denisha Merriweather. As a young girl, Denisha struggled in school and failed third grade twice. But then she was able to enroll in a private center for learning -- a great learning center -- with the help of a tax credit and a scholarship program.”

“And we must support the victims of crime. I have ordered the Department of Homeland Security to create an office to serve American victims. The office is called VOICE -- Victims of Immigration Crime Engagement. We are providing a voice to those who have been ignored by our media and silenced by special interests. Joining us in the audience tonight are four very brave Americans whose government failed them. Their names are Jamiel Shaw, Susan Oliver, Jenna Oliver, and Jessica Davis. Jamiel's 17-year-old son was viciously murdered by an illegal immigrant gang member who had just been released from prison. (...) Their husbands, Deputy Sheriff Danny Oliver and Detective Michael Davis, were slain in the line of duty in California. They were pillars of their community. These brave men were viciously gunned down by an illegal immigrant with a criminal record and two prior deportations.”

favorece na recuperação da imagem de Trump frente aos afro-americanos e no reforço da imagem de defensor do povo.

Como podemos perceber, seu projeto, basicamente, gira em torno do ataque à direitos sociais e da defesa de sua mercantilização, uma agenda totalmente congruente com o neoliberalismo e que de “populista” só guarda mesmo o discurso eloquente e um certo carisma de baixa categoria.

Mas o perigo reside justamente nesse aparente semblante de resistência. E Trump joga com isso. Uma campanha na qual poucos apostavam, desdenhavam e faziam piada foi tomando proporções impressionantes. De declaração em declaração, de entrevista em entrevista, de debate em debate, Trump contribui para um movimento em curso já há algum tempo: trazer o ódio, a violência e a intolerância para o *mainstream*, tornando-os cada vez mais aceitáveis, concebíveis e desejáveis. Ele vai assim, com seu tom jocoso e brincalhão, imprimindo novas feições ao Partido Republicano, fortalecendo uma ala ainda minoritária, mas crescente, representada pelo *Tea Party*, setores mais radicais da bancada cristã e remanescentes da velha tradição “populista de direita”. Há bem pouco tempo, criaturas como Sara Pailin eram ridicularizadas dentro do próprio Partido Republicano; hoje temos Trump presidente dos EUA. Como os cães de Ramsay Bolton em *Game of Thrones*, o *white trash* foi privado de alento e alimento por muito tempo, deixado à míngua pelo partido no qual depositou seu fiel apoio por aproximadamente 30 anos. Em seu desespero, voltam-se agora contra seus mais tradicionais líderes, devorando suas entranhas e aliando-se àquele que da penumbra surge com um discurso salvador ao povo e pelo povo.<sup>20</sup>

### **Referências:**

APPLE, Michael. Educando à direita: mercados, padrões, Deus e desigualdade. São Paulo: Cortez, 2003.

BARNES, Donna. Farmers in Rebellion: The Rise and Fall of the Southern Farmers Alliance and People's Party in Texas. Austin: University of Texas Press, 1984.

BELL, Daniel. The New American Right. New York: Doubleday, 1963.

BERLET, C.; LYONS, M. Right-wing populism in America: too close for comfort. New York: Guilford Press, 2000.

DIAMOND, Sara. Roads to Dominion: right-wing movements and political power in United States. New York: Guilford, 1995.

---

<sup>20</sup> Agradeço ao colega Thaddeus Gregory Blanchete pela inusitada analogia à cena dos cães no seriado Game of Thrones.

DUMENIL, Gerard; LEVY, Dominique. A crise do neoliberalismo. São Paulo:Boitempo, 2014.

GOODWYN, Lawrence. Democratic Promise: The Populist Moment in America. New York: Oxford University Press, 1976.

HARVEY, David. O novo imperialismo. São Paulo: Loyola, 2005.

HOLLOWAY, John; BONEFELD, Werner. Post-Fordism and Social Form: a marxist debate on the post-fordist State. London: Palgrave Macmillan, 1991.

KAZIN, Michael. The populist persuasion: an American history. Ithaca: Cornell univ press, 1995.

KRUGMAN, Paul. Pendding prosperity: economic sense and nonsense in the age of diminished expectations. New York: W W Norton and Company, 1994.

MESZÁROS, István. Para além do capital. São Paulo: Boitempo, 2009.

MILLER, Worth. A Centennial Historiography of American Populism. Kansas History: A Journal of the Central Plains. 16, no. 1 (Spring 1993): pp. 54-69.

MURRAY, Charles. Coming Apart. New York: Crown Forum, 2012.

PARRINGTON, Vernon Louis. Main Currents in American Thought: The Beginning of Critical Realism in America: 1860-1920. New York: Harcourt, Brace, and World, 1930.

POGGI, Tatiana. Faces do extremo: neofascismo nos EUA 1970-2010. Curitiba: Prismas, 2015.

POLLACK, Norman. The Populist Response to Industrial America. New York: W. W. Norton, 1962.

POSNER, Richard. The crisis of capitalist democracy. Cambridge: Harvard Univ. Press, 2010.

SWEEZY, Paul; BARAN, Paul. Capitalismo Monopolista. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

TURNER, Frederick Jackson. The Problem of the West. Atlantic Monthly. September, 1896.

WOLFE, Alan. Sociology, liberalism and the radical right. New Left Review, 1981.

WOODWARD, C Vann. Tom Watson: Agrarian Rebel. New York: Macmillan and Co., 1938.

For whites ensing decline, Donald Trump unleashes words of resistance. 13/07/2016. [http://www.nytimes.com/2016/07/14/us/politics/donald-trump-white-identity.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2016/07/14/us/politics/donald-trump-white-identity.html?_r=0)

Donald Trump and the long Tradition of american populism. Newsweek. 22/08/2015. <http://www.newsweek.com/donald-trump-populism-365052>

Is the american Dream falling Us? US News. 03/12/2015.  
<http://www.usnews.com/news/blogs/data-mine/2015/12/03/is-the-american-dream-failing-us>

Remarks by President Trump in Joint Address to Congress. 28 de fevereiro de 2017.  
<https://www.whitehouse.gov/the-press-office/2017/02/28/remarks-president-trump-joint-address-congress>.